

TERAPIA DO RISO: O PAPEL DO PALHAÇO NA HUMANIZAÇÃO E NO CUIDADO EM SAÚDE

Michael Soares da Mata¹; Wilma Magaldi Henriques²; Flávio Alves da Silva³

1. Estudante do curso de Psicologia; e-mail: michael.psicologias@gmail.com
2. Professora da universidade de Mogi das Cruzes; e-mail: wilmah@umc.com.br
3. Professor da Universidade de Mogi das Cruzes; e-mail: flaviosilva@umc.br

Área de conhecimento: **Psicologia**

Palavras-chaves: Humanização; palhaço; clown; cuidado; psicologia da Saúde.

INTRODUÇÃO

Abordar os temas humanização e saúde requer um olhar diferenciado para o que se produz no Brasil, que considere a dimensão territorial do país, a amplitude e o alcance das políticas de saúde e a desigualdade social que impede o acesso a um direito básico de parcela significativa da população, além das inúmeras iniquidades e práticas excludentes existentes. Mota et al (2006) entendem a humanização como sendo um planejamento para modificação no processo de produção de saúde, explicando que um sujeito sendo um ser social, quando mobilizado é capaz de modificar realidades, o que também o faz ser transformado durante este processo. Para Correia (2006) a saúde é uma condição fundamental da nossa existência e é obtida através de uma interação satisfatória entre o nosso corpo e o mundo físico. Logo, um sujeito que se percebe como doente ou incapacitado, não só poderá se perceber como limitado na sua forma de interação básica com o mundo, como essa limitação poderá colocar em causa um dos pilares básicos para sua atribuição de sentido existencial. Morcef, et al (2015), afirmam que grupos comprometidos com a valorização da arte como instrumento terapêutico, utilizam o bom humor e a alegria como ferramentas de enfrentamento do processo saúde-doença, e transformação de um ambiente tradicional e indiferente, em um ambiente mais divertido, agradável, e acolhedor, tentando assim, humanizar enfermeiras, ampliando o vínculo dos pacientes com estes profissionais da saúde, aumentando a qualidade de vida dos pacientes e dos profissionais. Atualmente são inúmeras as estratégias utilizadas para humanização, como a musicalização, contadores de histórias, grupos religiosos, grupos teatrais, e o palhaço também tem sido muito utilizado como ferramenta para este trabalho. Para Carvalho e Rodrigues (2007), o palhaço está ligado ao símbolo da alegria, a ternura e ingenuidade, o símbolo utilizado para destacar esta figura é o nariz vermelho, que representa que alguém diferente deseja brincar. Os trabalhos voluntários envolvendo palhaços tem crescido muito e levam alguns hospitais a realizarem triagens e até, em algumas ocasiões, a recusar os voluntários. O trabalho como palhaço nestes ambientes, exige além de um preparo, uma sensibilidade para lidar com as demandas do outro, fazendo-se extremamente necessário a procura por capacitações com profissionais da saúde qualificados, uma vez que lidar com a saúde e bem-estar de pessoas exige além da boa vontade, um bom preparo. Para Masseti (1998) apud Camon (2004), o paciente quando submetido ao processo de hospitalização necessita de um alto grau de elaboração, visto a ansiedade e medos envolvidos neste processo, neste caso o sorriso aparece como um lugar de ação, sendo o humor um importante recurso, que faz com que o paciente acesse aspectos que ficam sob seus obstáculos pessoais, conseguindo assim dar sentido à novas e conscientes vivências. Desta forma, é preciso conhecer a importância de práticas humanizadoras, proporcionar aos futuros profissionais de saúde, durante sua formação e em seu cotidiano, situações e vivências que contribuam para um olhar humanizado e que transcenda as práticas mecanizadas e protocolares dos equipamentos de saúde, além de ampliar o conhecimento

na área, e reconhecer os benefícios alcançados pelos profissionais atuantes na palhaçaria e para a população em geral.

OBJETIVOS

Este projeto tem como objetivo avaliar a contribuição da palhaçaria na formação de profissionais de saúde e para a humanização das relações no ambiente profissional. Identificar os principais objetivos buscados por palhaços no contexto hospitalar. Descrever, a partir da experiência, os benefícios da atividade de palhaçaria para o estudante, para os pacientes e para a relação terapêutica. Descrever o processo de formação do palhaço, bem como identificar os principais recursos para a preparação de sua atuação. Compreender a importância da atividade da palhaçaria para o estudante, bem como desvelar sentido em sua experiência.

MÉTODO

Trata-se de pesquisa de abordagem qualitativa, do tipo exploratória, que se utilizou da metodologia da História Oral de Vida, conforme o proposto por Meihy (1991). A pesquisa foi executada com entrevistas abertas com os palhaços, a partir da seguinte questão disparadora: Pode me contar como é a sua experiência como palhaço? Foram participantes desta pesquisa 15 estudantes e profissionais de saúde que tenham experienciado a palhaçaria em hospitais. Foram tomados como critérios de inclusão: Pessoas com formação há pelo menos um ano, em cursos de palhaçaria. Também como critério de não inclusão: Pessoas sem capacitação específica em palhaçaria, sensação de desconforto do depoente durante a entrevista que demandasse atendimento individual externo (fora do contexto da entrevista) e/ou que impossibilitasse o retorno. As entrevistas foram transcritas, textualizadas, transcriadas e cartografadas, e neste processo marcou-se as palavras-chave que continham a questão da pesquisa.

RESULTADOS/DISCUSSÃO

Este estudo contou com a participação de 13 dos 15 convidados, com idades entre 20 e 59 anos, sendo estes estudantes, médicos, enfermeiros, psicólogos, educadores e profissionais de saúde coletiva, do total de 13 participantes, 10 são homens e apenas 3 são mulheres. Como já mencionado, este estudo previa 15 participantes, porém 2 foram eliminados dentro dos critérios de exclusão, não possuindo curso de capacitação específico em palhaçaria. As entrevistas aconteceram no primeiro semestre de 2019, algumas presencialmente nas cidades de São Paulo/SP, Suzano/SP, Mogi das Cruzes/SP e Guararema/SP, outras através de videoconferência visto a localidade dos entrevistados, sendo alguns de cidades como Minas Gerais/MG, Botucatu/SP, Fortaleza/CE e Brasília/DF, os participantes foram descritos com a letra "P" seguido de um número, para que se preserve o anonimato dos participantes. O tempo de palhaçaria dos participantes variou de um ano a 32 anos de atividade. A atividade de palhaçaria é percebida como capaz de proporcionar alguns benefícios pessoais como auto aceitação, autoconhecimento e sensação de bem-estar subjetivo e estes são tomados como ganhos. Para os participantes, o autoconhecimento adquirido nas experiências permite que possam conviver com a alta carga emocional a que estão expostos, façam adequado enfrentamento ao estresse e lidar com alta responsabilidade, desta forma, perceber suas limitações faz com que estes profissionais exerçam um maior autocuidado, estando estes, dispostos a aceitar o diferente, sem antecipar conceitos equivocados a seu respeito, lidando melhor com suas próprias frustrações e dificuldades, evitando assim distanciamentos ou mesmo bloqueios em suas relações, o que acaba por promover maior bem estar físico, mental e social deste profissional:" "E aí fui

descobrir tudo isso, e descobrindo coisas dentro de mim que é... por exemplo, defeitos e virtudes...(P2)” Peres (2011) entende o autoconhecimento como sendo uma ampla clareza dos interesses, valores, aptidões, gostos, explica a importância do autoconhecimento como um fator básico para a conscientização das questões que o sujeito tem a desenvolver. “o nariz que a gente usa que é a menor máscara do mundo, é aquele negócio, né? É a que menos esconde e a que mais revela...(P2)”, “...então ele começa a lidar com uma palavra perigosíssima na sociedade que se chama “eu vou falar a verdade”, a verdade é que eu sou gordo, a verdade que eu sou gago, a verdade é que eu tenho medo, a verdade é que eu não gosto de você, a verdade que eu não gosto de fazer isso, e verdade é que eu adoro aquilo (P12)”. A preparação e capacitação para atuar como palhaços em ambientes hospitalares foi um aspecto que se mostrou bastante relevante no conjunto dos depoimentos, pois são nestes cursos que os voluntários aprendem além das técnicas de improviso lúdicas, cuidados importantes de como se portar dentro de um hospital. “O palhaço é um ser que se transformava a cada momento que se expunha, falava a verdade, que expunha seus medos...(P12)”. Os participantes apontam que a experiência em palhaçaria os tornou mais abertos ao diferentes, e que tal abertura permite, hoje, a troca de conhecimentos e a valorização das experiências de outros profissionais nos processos de saúde. “Olhar para o paciente de uma forma não técnica, eu acho que é isso que o palhaço faz na área da saúde, ele quebra um pouquinho a parte formal da relação médico-paciente, ou enfermeiro-paciente, fisioterapeuta-paciente, psicólogo-paciente” (P11). Segundo Boff (2005), o cuidado significa desvelo, solicitude, diligência, zelo, atenção, bom trato, é um modo de ser no qual o sujeito sai de si e centra-se no outro com desvelo e solicitude, esta atitude pode desencadear preocupação, inquietação e sentido de responsabilidade. “Eu acho que as pessoas deveriam ou poderiam se abrir mais para esse tipo de experiência dentro da faculdade, se arriscar mais nesse sentido, porque eu acho que os profissionais saíam mais humanizados, eu acho que eles saíram com escuta melhor, com uma sensibilidade melhor” (P3). Sato e Ayres (2015) afirmam que a humanização no ambiente hospitalar está ligada a características que vão para além da estética, ela pode trazer mais funcionalidade, favorece a recuperação e garante o bem-estar físico e psicológico a todos usuários do hospital, por incentivar a inserção de novos procedimentos às práticas médicas. “E aí? Quem é a dona Maria? -Dona Maria, como é que a senhora tá? O que a senhora gosta de comer? a senhora sabe que esse planejamento alimentar é para ajudar a senhora se recuperar, não é?” (P1). Balint (1978) apud Campos (1995) aponta a ideia de que o paciente deposita no médico uma autoridade exagerada, esperando de maneira passiva que este profissional de conta de todos os seus problemas, sendo completamente submisso a este tratamento. Nos depoimentos foi possível observar que a experiência da palhaçaria, quando aproxima os profissionais de saúde uns dos outros e os pacientes dos profissionais, amplia o repertório de visão do sujeito, devolvendo a partir da maior percepção dos estímulos uma maior autonomia e melhor aderência ao tratamento.

CONCLUSÃO

O estudo demonstrou que a experiência da palhaçaria tem potencial de humanizar as práticas dos diversos profissionais de saúde que passaram pela experiência, porém é uma modalidade que exige preparo do profissional, pois ser palhaço em hospital não é apenas contar piadas ou ser engraçado. O palhaço, nos espaços de saúde, é cuidado, e que cuidado significa muito mais do que procedimentos ou protocolos, e está para além do cuidador. O palhaço permite ao sujeito experienciar o cuidado, viver o cuidado, ser cuidado, permite olhar para o outro sem os preconceitos pessoais, culturais e sociais, dando a este olhar uma nova perspectiva, permitindo que este profissional perceba o outro em sua amplitude, além de números, prontuários, diagnósticos ou procedimento, neste sentido, o palhaço contribui para que pacientes mantenham sua humanidade, não sejam despersonalizados e se mantenham como protagonistas de seus processos de cura. Acredita que se o estudo atingiu os objetivos propostos e que a hipótese inicial se confirma. O conjunto dos depoimentos apontou para a

necessidade de humanizar o ambiente hospitalar, que hoje convivem com filas intermináveis, falta de material, falta de equipamentos, falta de profissionais, o que potencializa o adoecimento de toda a instituição, estrutura, pacientes e colaboradores. Neste sentido, acredita-se que o palhaço pode contribuir com novas formas de se relacionar neste ambiente, criando relações mais humanas e dignas, que considerem o sujeito que adocece em sua totalidade. A presença do clown contribui para o autoconhecimento, para o exercício da empatia e para o auto crescimento daqueles que se dedicam à palhaçaria, sendo, desta forma, uma relação benéfica para os pacientes hospitalizados, bem como para o próprio palhaço.

REFERÊNCIAS

BOFF, Leonardo. O cuidado essencial: princípio de um novo ethos. *Inclusão social*, v. 1, n. 1, 2005.

CAMPOS, Terezinha Calil Padis. *Psicologia Hospitalar: Atuação do Psicólogo em hospitais*. São Paulo. EPU. 1995.

CARVALHO, Flávia Guimarães R.; RODRIGUES, Paulo Roberto Grangeiro. Dr. Amoroso: um trabalho de apoio social na humanização hospitalar. XI Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e VII Encontro Latino Americano de Pós-Graduação, 2007.

CORREIA, Edgar A. Uma visão fenomenológica-existencial em psicologia da saúde. *Análise psicológica*, v. 3, n. 24, p. 337-341, 2006.

MASSETI, Morgana. Soluções de palhaços: transformações na realidade hospitalar. In: *Soluções de palhaços: transformações na realidade hospitalar*. 1998.

MORCERF, Cely Carolyne Pontes et al. Projeto de extensão ilumine: a entrada da figura do palhaço no ambiente hospitalar. *Revista Conexão UEPG*, v. 11, n. 1, p. 88-99, 2015.

MOTA, Roberta Araújo; MARTINS, CG de M.; VÉRAS, Renata Meira. Papel dos profissionais de saúde na política de humanização hospitalar. *Psicologia em Estudo*, v. 11, n. 2, p. 323-330, 2006.

PERES, Janete Lúcia Pagani. *Gestão de carreira: uma questão de autoconhecimento*. 2011.

SATO, Mariana; AYRES, José Ricardo de Carvalho Mesquita. Arte e humanização das práticas de saúde em uma Unidade Básica. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, v. 19, p. 1027-1038, 2015.

AGRADECIMENTOS

Ao amigo Flávio Alves da Silva, que foi fundamental para que este sonho se tornasse possível, à querida professora Wilma Magaldi Henriques por acreditar e conceder a honra de orientar esta pesquisa, a Universidade de Mogi das Cruzes por oferecer o preparo para que este projeto acontecesse, à Liga da Alegria Acadêmica de Medicina da Universidade de Mogi das Cruzes por incentivar este projeto, e aos incríveis alunos do grupo de pesquisa por todo acolhimento e colaboração durante toda etapa desta incrível jornada.